

Recebido em mai. 2013
Aprovado em set. 2013

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BEM EM PLATÃO

MARIA CELESTE DE SOUSA *

RESUMO

O tema “Sobre o Bem em Platão” objetiva mostrar como a Escola de Tübingen-Milão define a Ideia de Bem (*tó Agathón*) presente no Diálogo *República*. Portanto, iremos discorrer sobre: 1) A Ideia de Bem na República; 2) A Ideia de Bem nas Doutrinas não-escritas; 3) A relação entre o Bem e o Uno.

PALAVRAS-CHAVE

Platão. Bem. Escola de Tübingen-Milão. Doutrinas não-escritas.

ABSTRACT

The subjects “About of the Goodness at Plato” lens to know with the Tübingen-Milão school define the Idea of Goodness (*tó Agathón*) present in Republic Dialog. Therefore, We will go discover about: 1) The Idea of Goodness in the Republic; 2) The Idea of Goodness in the Doctrines non-written; 3) The relation between the Goodness and the One.

KEYWORDS

Plato. Good. Tübingen-Milão school. Doctrines non-written.

* Doutora em Filosofia pela PUC-SP e professora de Filosofia da FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA (FCF) e da REDE PÚBLICA DE ENSINO DO CEARÁ.

INTRODUÇÃO

A experiência transcendental do Bem iniciada por Sócrates é continuada por Platão, que a eleva metafisicamente, como ciência do Bem. Contudo, a questão fundamental: o que é o Bem? Constituiu-se ao longo da história da filosofia, uma incógnita, uma vez que Platão ao referir sobre o Bem no diálogo *República*, livros VI e VII, não dá uma definição precisa sobre o seu *status* metafísico.

A escola de Tübingen-Milão¹ procurou nos últimos quarentas anos aprofundar esta questão, entre outras, através das “Doutrinas não-escritas”² (*Ágrapha dógmata*) de Platão que, segundo os maiores representantes desta escola é o novo paradigma interpretativo platônico.

O objetivo deste artigo é apresentar o que esta escola refletiu sobre o Bem em Platão. Para tanto, divide-

¹ “Escola de Tübingen cujos representantes principais são H.-J. Krämer, Konrad Gaiser e Giovanni Reale da escola de Milão segundo a qual é necessário pôr as chamadas “doutrinas-não-escritas (*ágrapha dógmata*) no centro da exegese filosófica da obra escrita de Platão para que, desses textos, possa emergir em toda a sua grandeza a primeira e mais audaz construção metafísica da filosofia ocidental.” (*Para uma nova interpretação de Platão*, p. XIII).

² A tradição nos legou duas imagens de Platão: o Platão dos Diálogos e das Cartas e o Platão das chamadas “doutrinas-não-escritas” (*ágrapha dógmata*) cuja fonte principal é Aristóteles, mas também alguns escritos como o Diálogo *Fedro* (274 b-278 e) e a *Carta VII* (341 B-344 D) que diz ser as coisas de mais valor: “o inteiro, ou seja, o todo; as coisas maiores; a natureza, ou seja, a realidade em seu fundamento; o bem; a verdade da virtude e do vício; e o falso e o verdadeiro de todo ser; as coisas mais sérias e os princípios primeiros e supremos da realidade.” *Ibidem*.

se o texto em três partes: 1) A Ideia de Bem na *República* – onde se discorrerá sobre a parcialidade platônica quando reflete sobre este tema nas obras escritas; 2) A Ideia de Bem nas “Doutrinas não-escritas” onde se discorrerá sobre a novidade apresentada pelos pesquisadores da Escola de Tübingen-Milão sobre a essência do Bem enquanto Uno; 3) A relação entre Bem e Uno onde apresentar-se-á a relação estabelecida pelos pesquisadores entre a doutrina escrita e a doutrina oral platônicas, no desenvolvimento desta questão fundante do pensamento ocidental que é a Ideia do Bem.

1. A IDEIA DE BEM NA *REPÚBLICA*

O Diálogo *República* ocupa uma posição central no pensamento platônico porque sintetiza as doutrinas dos Diálogos precedentes e reassume os resultados obtidos por estes. Sendo um tratado sobre a justiça (*Dikê*), este Diálogo contém a Conferência sobre o Bem, que revela a qualificação do Bem (*Agathón*) como princípio ontológico, gnosiológico e axiológico da realidade, na qual a justiça encontra o seu fundamento. Logo, sendo o Bem (*Agathón*) o núcleo deste Diálogo, como de toda a filosofia platônica, é importante compreender porque Platão trata desta importante questão apenas parcialmente nos textos escritos.

A problemática do Bem situada nos livros VI e VII da *República* relaciona-se com a educação platônica do rei-filósofo. Platão apresenta um plano educativo sobre a natureza do filósofo e a função que ele deve assumir dentro da cidade (*Polis*). Ele afirma que as qualidades naturais do *philosophos* são: a boa memória,

a facilidade para aprender, a afinidade com a justiça, a coragem e a temperança.

Esta índole filosófica caracteriza a paixão do *philosophos* pelo conhecimento e pela verdade. Ele deve voltar-se continuamente para o modelo luminoso do Bem, onde ele contempla “o verdadeiro absoluto e, depois de o contemplar com a maior atenção, reportar-se-lhe para instituir no mundo as leis do belo, do justo, do bom.”³. Logo, somente o filósofo por ter uma índole boa e justa e, ao mesmo tempo o conhecimento dos valores universais da justiça e da bondade poderá ser o guardião da justa medida na *Pólis* e administrar com sabedoria os bens públicos.

A prática do amante da sabedoria na *Polis* revela a sua aspiração natural ao sentido do Ser. É necessário que ele siga arduamente a sua busca, compreendendo a essência de cada coisa e, incansavelmente, ele deve avançar até ao princípio último, pois só assim, ele terá uma “visão de conjunto” da verdadeira realidade e do verdadeiro conhecimento, pela contemplação do Bem e, assim ele poderá saborear “a doçura e a felicidade que proporciona a posse da sabedoria. É feliz se consegue viver a sua vida neste mundo, isento da injustiça, com uma bela esperança.”⁴

A posse do conhecimento da verdade possibilita ao *philosophos* compreender que a organização da vida comunitária na *Polis* requer a instituição da Lei e da Ordem como condições para o bem-viver intersubjetivo. E, como bom administrador, ele procura imita-las na

³ PLATÃO, *República*, VI, 484 c.

⁴ *Ibidem*, VI, 484 c.

medida do possível, a fim de tornar a sua práxis a ela semelhante. Percebe-se, portanto, que na visão platônica, a virtude filosófica tem seu fundamento na Ciência (*Episthémé*) e, só através do seu exercício o filósofo é capaz de organizar a cidade (*Polis*) a partir da luz oriunda do princípio último, que é a Ideia de Bem (*tó Agathón*).

A problemática do Bem situada neste contexto de educação filosófica e da sua práxis na *Polis* demonstra a intuição platônica em fundamentar a Política sob a Ética e ambas em um princípio metafísico. Ele afirma: “é a ideia do Bem o mais alto dos conhecimentos, aquele do qual a justiça e as outras virtudes tiram a sua utilidade e as suas vantagens.”⁵

Segundo Thomas Szlezák⁶ a Ideia do Bem é o *arché* da metafísica platônica. Como *arché* ela é no mundo inteligível a causa do ser das Ideias conferindo-lhes a sua essência; conseqüentemente é ela que fundamenta o “ser bom” e o “ser belo” de todas as coisas. Como princípio último, é evidente que o seu *status* metafísico está acima das Ideias em dignidade e poder e, ao mesmo tempo ela confere o sentido à estrutura hierárquica platônica em seus níveis sensível e inteligível.

Se a Ideia do Bem (*tó Agathón*) é o primeiro princípio (*arché*) e está no topo da metafísica platônica, qual é a natureza do Bem? Quando se trata de explicitar a essência do Bem, Platão na *República* restringe-se a dizer que a conhece, mas que, por ora, não vai se ocupar

⁵ PLATÃO, *República*, 505 a.

⁶ SZLÉZAK, Thomas Alexander, *La Idea Del Bien como arché na República de Platón*, p. 87.

em demonstrá-la. Ele afirma: “Não nos ocupemos por ora do que pode ser o bem em si, pois chegar a ele neste momento, tal como ele se me afigura, excede, a meu ver, o alcance do nosso esforço presente.”⁷

Este silêncio em torno da Essência do Bem na *República*, na interpretação de Giovanni Reale mostra claramente que Platão não quer deixar por escrito a natureza do Bem-em-si, mas se limita ao que é necessário para a explicação do caráter ético-político, que é o objetivo do Diálogo. Todavia, quem escreve, sabe exatamente porque escreve e para quem escreve logo o que é dito, se ajusta perfeitamente à capacidade de compreensão dos ouvintes, uma vez que só os filósofos têm a capacidade de conhecer “as coisas de mais valor.” (*Timiotera*).

A explicação da natureza do Bem era, portanto, um tema desenvolvido pelo Platão professor, no interior da Academia, somente aos discípulos mais próximos que estavam preparados para percorrer a “longa via”, passando pelas ciências matemáticas e dialéticas e avançando “às coisas do alto” até alcançarem a plenitude do conhecimento da essência do Bem.

Esta árdua tarefa exigia um grande esforço de abstração, e, para isto, os ouvintes externos da Academia não estavam preparados. Daí a resistência platônica em deixar por escrito, estas coisas tão preciosas, por receio de não ser compreendido e, ou até mesmo em ser ridicularizado, como ele afirma claramente: “receio não ser capaz e, caso tenha a

⁷ PLATÃO, *República*, 506 c - 507 a.

coragem de tentá-lo, ser coberto de risos por minha própria inépcia.”⁸ E resolve decididamente adiar a explicação da natureza do Bem, tratando no presente momento, somente do filho do Bem: “Recebei, entretanto, este filho, este rebento do bem em si.”⁹

Para explicar este “filho” ou “rebento” do bem, Platão faz uma retrospectiva à Teoria das Ideias a partir da problemática do “uno” e dos “muitos”, explicando como esta teoria sintetiza uma multiplicidade de ideias em uma unidade. Ele diz: “E chamamos belo em si, bem em si e assim por diante, o ser real de cada uma das coisas que colocávamos de início como múltiplas, mas que alinhamos em seguida sob a sua idéia própria, postulando a unidade desta.”¹⁰

O ponto de partida para a ascensão ao inteligível é justamente esta unidade-da-multiplicidade das coisas sensíveis na unidade correspondente a cada uma, segundo o esquema bipolar multiplicidade-unidade. A multiplicidade sensível é captável pelos órgãos dos sentidos, enquanto a unidade ideal é captável apenas pelo pensamento. Platão estabelece, contudo, uma diferença na forma de apreensão da multiplicidade entre os outros órgãos dos sentidos e a visão, pois, entre a visão e o seu objeto, o visível, existe um terceiro elemento que é a luz.

Ele afirma: “Admitindo que os olhos sejam dotados da faculdade de ver, que o possuidor desta faculdade se esforça por servir-se dela e que os objetos aos quais ele se aplica sejam coloridos, se não se

⁸ Ibidem, 506 c - 507 a.

⁹ PLATÃO, *República*, 506 c - 507 a.

¹⁰ Ibidem, 507 a.

intervier um terceiro elemento, destinado precisamente a este fim, bem sabes que a vista nada perceberá e que as cores são invisíveis.”¹¹.

Ora, a fonte da luz é o sol, contudo, a visão não coincide com o sol, apenas é entre os órgãos dos sentidos, o que mais se lhe assemelha, bem como recebe dele o seu poder de ver as coisas, e, uma vez, podendo ver, a visão pode também ver o seu autor, o sol.

Platão utiliza a imagem do sol para falar do Bem. Assim como o sol, no plano sensível, favorece o poder de ver; o Bem, de forma análoga exerce a função de iluminar a inteligência no plano inteligível. E, uma vez a alma fixando o seu olhar sobre aquilo que a verdade e o ser iluminam, ela compreende a realidade inteligível na sua estrutura própria, libertando-se da escravidão oferecida pela opinião (*Doxa*) e alcançando à verdadeira ciência (*Episthème*).

Platão compara analogicamente a imagem do sol ao filho do bem e, então enfatiza a verdadeira função do pai: “Confessa, portanto, que aquilo que difunde a luz da verdade sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito conhecedor o poder de conhecer, é a ciência do bem; visto que é ela o princípio da ciência da verdade, podes concebê-la como objeto do conhecimento.”¹²

Então, é evidente que, Platão está construindo a ciência do Bem que unifica metafisicamente toda a realidade e, ao mesmo tempo, diferenciando a verdade e o conhecimento da Ideia do Bem porque o Bem está

¹¹ Ibidem, 507 d - 508 a.

¹² Ibidem, 508 e.

acima das Ideias e é muito mais belo. Ele diz: “como no mundo visível, é certo pensar que a luz e a vista são semelhantes ao sol, do mesmo modo, no mundo inteligível, é justo pensar que a ciência e a verdade são, ambas semelhantes ao bem, mas falso acreditar que uma e outra sejam o bem; a natureza do bem há de ser considerada muito preciosa. Sua beleza está acima de toda expressão se é que produz a ciência e a verdade e se é ainda mais belo do que elas.”¹³

Com esta linguagem figurativa, Platão ensina que, assim como o sol é a fonte da geração, o Bem é o princípio do Ser. Aquele que dá é diferente e superior à coisa dada; logo, o ser, isto é, a *ousía*, ou a mistura entre o limite e o ilimite é inferior ao seu Princípio (*Arché*) ou o Bem (*Agathón*).

Segundo esta passagem central da *República*, Platão clarifica o caráter fundante do Bem. Ele fundamenta a axiologia, quando diz o que é a virtude (*Arete*); fundamenta a gnosiologia, quando é visto como causa que dá ao intelecto a faculdade de conhecer e ao mesmo tempo é a causa da cognoscibilidade das coisas conhecidas; e, por fim é visto como o fundamento ontológico, quando é a causa do ser e da essência. Todavia, Platão apenas cita esta fundamentação sem, contudo, explicar o como e o porquê.

O motivo deste silêncio platônico diante de uma teoria significativa como a Ideia do Bem (*tó Agathón*) é, segundo Giovanni Reale, a decisão em confiar à oralidade a verdadeira explicitação sobre a essência

¹³ Ibidem, 508 e - 509 b.

do Bem. Reale afirma: “essas passagens da *República* representam, em certo sentido, a ponta de um iceberg, isto é, o emergir de uma parte das ‘Doutrinas não-escritas’, apenas vislumbradas nos escritos, e cuja consistência e estatura só podem ser extraídas dos ‘socorros’ oferecidos pela tradição indireta.”¹⁴ Esta é a postura filosófica assumida pelos pesquisadores da escola platônica de Tübingen-Milão, que defendem um novo paradigma interpretativo da filosofia platônica e adentram na pesquisa sobre a essência do Bem.

2. A IDEIA DE BEM NAS “DOCTRINAS NÃO-ESCRITAS” (ÁGRAPHΑ ΔÓΓΜΑΤΑ).

Diante da dificuldade encontrada por Platão em deixar por escrito a essência do Bem, o novo paradigma hermenêutico platônico da escola de Tübingen-Milão afirma que “as coisas de mais valor” (*Timiotera*) como fala o Diálogo *Fedro*¹⁵, só podiam ser comunicadas oralmente ao pequeno ciclo dos discípulos no interior da Academia, porque sua explicação contrastava com a concepção de Bem que tinha o grande público. Este esperava ouvir Platão dizer que o Bem era possuir riquezas, ter saúde, poder, força, etc. e não coisas matemáticas, números, geometria, como explicitava Platão.

Diante desta constatação os platônicos demonstram que os Escritos não são para Platão a

¹⁴ REALE, *Para uma Nova Interpretação de Platão*, p. 256.

¹⁵ “O filósofo só é verdadeiramente tal tão somente e na medida em que não confia aos escritos, e sim ao discurso oral ‘as coisas de mais valor.’” (REALE, *História da Filosofia Antiga*, p. 15).”

expressão plena e a comunicação mais significativa de sua filosofia, e, nem se pode extrair deles todo o seu pensamento como pensava Schleiermacher ¹⁶. Eles necessitam das “Doutrinas não-escritas” (*Ágrapha dógmata*) testemunhadas por seus discípulos mais próximos, como por exemplo, Aristóteles, para a sua completa compreensão.

Os filósofos tubingueses sentem-se desafiados em pesquisar, aprofundar e construir um novo paradigma hermenêutico ¹⁷ a partir das “Doutrinas não-escritas” presentes na tradição indireta, mostrando como elas estão na base do pensamento escrito e que o complementam exatamente nos pontos problemáticos, porque possibilitam uma releitura unitária e sistemática da metafísica de Platão.

Um dos pontos que mais chamou a atenção destes filósofos foi o problema do Bem. Depois de vários

¹⁶ F. Schleiermacher, de 1804 a 1828 preparou uma imponente tradução de Platão [...] Esse grande empreendimento apresentava uma nova imagem de Platão. Segundo ele: a) Os escritos platônicos são autárquicos na sua totalidade ou em grande parte; b) Dos escritos se extrai uma unidade de sistema filosófico; c) a tradição indireta não tem valor, ou tem valor apenas parcial. (REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, p. 51).

¹⁷ “[...] o novo paradigma alternativo [...] subverte os pontos firmes do paradigma tradicional e, portanto, opera uma “revolução”: a) Os escritos platônicos não são autárquicos nem na sua totalidade nem em parte. b) Dos escritos não se depreende uma unidade, porque esta se encontra subjacente a eles, enquanto é confiada à dimensão da oralidade dialética. C) A tradição indireta, que nos transmite às doutrinas-não-escritas, oferece a chave para uma releitura unitária e sistemática dos escritos de Platão no seu conjunto. (Ibidem).

estudos, eles chegaram à conclusão de que a essência do Bem (*Agathón*) era o Uno (*Hen*). Eles se apoiaram entre outros, no testemunho de Aristóteles na *Metafísica*: “Platão atribuiu a causa do Bem ao primeiro dos seus elementos e atribuiu a do mal ao outro. Entre os que afirmam a existência de substâncias imóveis, alguns dizem que o próprio Uno é o Bem em si; certamente estes consideram que a essência dele era o Uno”.¹⁸

Ora, se no vértice da estrutura hierárquica platônica existe uma unidade, o Uno, para os tuingueses desponta a novidade de uma ulterior teoria que não está escrita, mas que era conhecida oralmente pelos discípulos. Esta teoria contém a revelação daquelas “coisas de mais valor” que explicitam a relação de multiplicidade e de unidade além daquela que Platão demonstrara através da Teoria das Ideias.

Então, era preciso resgatar esta novidade presente nas “Doutrinas não-escritas” (*Ágrapha dógmata*) para que o *Corpus platonicum* fosse visto em sua totalidade pela união entre o escrito e o não-escrito. Esta é a contribuição que a escola de Tübingen-Milão traz para a história do pensamento através da Teoria dos Primeiros Princípios.

O ponto de partida para o desenvolvimento da Teoria dos Primeiros Princípios é a Teoria das Ideias presente no Diálogo *Fédon* (96 a -102b). Nesta teoria, Platão faz a ultrapassagem metafísica centralizando na “Ideia” a essência da multiplicidade sensível e vendo-a como causa das coisas ou “ser” real. Mas, esta primeira unificação não é suficiente para explicitar a

¹⁸ Aristóteles, *Metafísica* N 4 1091b 13-15.

metafísica platônica, porque para os tubingueses, no plano inteligível, as “Ideias” são muitas, e isto implica a necessidade de uma ulterior unificação sob o Uno absoluto.

Esta necessidade já está expressa no texto da *República* quando Platão dialoga com Glauco sobre a dignidade do Bem além da essência do “ser” e utiliza um termo emblemático, isto é, o nome de um deus que para os antigos simbolizavam o Uno: “*Apolo! Que divina superioridade!*”¹⁹ Posteriormente, Plotino confirma este mesmo costume quando mostra o significado do termo Apolo, dizendo: “Provavelmente esse nome ‘Uno’ significa supressão relativamente ao múltiplo. Por esta razão também os pitagóricos entre si o chamavam simbolicamente Apolo, pela negação dos muitos.”²⁰

Mas como chegar a esta unidade absoluta se o Diálogo *República* apenas cita, mas não explica a essência do Bem, ou seja, não diz “como” o Bem é o Uno? Para os filósofos Krämer, Gaiser e Reale a reflexão deve partir das categorias fundamentais da espiritualidade grega: a “ordem” (*táxis*), a “medida” (*métron*), o “justo meio” (*mesótês*), o “bem” (*agathón*) e o “belo” (*kallón*). Platão eleva estas categorias ao mais alto nível conceitual através da Teoria dos Primeiros Princípios que são o Uno (princípio de determinação formal) e a Díade (princípio de variabilidade infinita).

Segundo estes pesquisadores, Platão faz uma estreita conexão entre a Metafísica e a Matemática através da doutrina das Ideias-Números, modelos

¹⁹ PLATÃO, *República* VI, 509 c.

²⁰ PLOTINO, *Enéadas* V, 5,6.

ideais, ou essências dos números matemáticos. Por exemplo, o Dois como essência da Dualidade, o Três como essência da Trilateralidade, etc. Estas Ideias são os primeiros princípios derivados do Uno e da Díade e por isso constituem “de forma originária, isto é, paradigmática aquela estrutura sintética de unidade-na-multiplicidade que caracteriza os diferentes planos do real e todos os entes em todos os níveis.”²¹

Reale explicita esta teoria dizendo que, para os gregos, o número significa relação, *logos*. Assim, cada ideia no plano inteligível, ocupa uma posição de acordo com sua maior ou menor universalidade e de acordo com as relações matemáticas que estabelece com as outras ideias que estão abaixo ou acima delas. Ele afirma: “As relações matemáticas são o pensamento imutável, e por esta razão são, para Platão, o verdadeiro ser que permanece em qualquer diferença ou mudança de qualquer coisa individual. Assim na sinfonia dos primeiros números, está originariamente todo o mundo.”²² O que caracteriza os princípios supremos como polaridade entre o Uno e a Díade Indefinida de grande-e-pequeno, e ao mesmo tempo, explica dialeticamente a gênese do múltiplo a partir do Uno.

Além disso, Platão faz a distinção entre a natureza quantitativa dos números matemáticos e a natureza qualitativa dos números ideais, o que permite compreender a estrutura hierárquica do mundo inteligível, que sobe do plano físico ao metafísico,

²¹ REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, pp. 167-168.

²² *Ibidem*, p. 171.

passando pelos entes matemáticos, as Ideias, as Metaideias e os Números Ideais até chegar aos Princípios. É a Inteligência Demiúrgica através da matemática que faz a síntese entre o sensível e o inteligível estabelecendo o bom, o belo e o melhor a partir das orientações ideais que recebe dos Primeiros Princípios.

Aristóteles confirma esta doutrina platônica quando afirma na *Metafísica*: “porque as Formas (=Idéias) são causas das outras coisas (primeiro nível), Platão considerou que os elementos constitutivos das Formas fossem os elementos de todos os seres. Como elemento material das Formas (=Idéias) ele punha o Grande e o Pequeno, e como causa formal o Uno (segundo nível)”.²³

Por que dois princípios originários na origem da estrutura metafísica platônica? Para os tubingueses, Platão queria responder ao problema metafísico grego que investigava a questão: “*por que e como do Uno derivam os muitos?*” Por conseguinte, Platão, procura justificar radicalmente a multiplicidade a partir de um esquema metafísico bipolar.

A forma polar de pensamento vê, concebe, modela e organiza o mundo como unidade em dupla de contrários intimamente ligados entre si, de tal forma que, um pólo perdendo o pólo oposto perderia o seu próprio sentido. Isto significa que os dois contrários e o eixo que os separa e liga “são partes de uma unidade maior que não é definível exclusivamente com bases neles, para exprimir em termos geométricos, eles são pontos de uma esfera perfeita em si. Esta forma polar

²³ ARISTÓTELES, *Metafísica* A 6, 987 18-21.

de pensamento informa necessariamente toda a objetivação do pensamento grego”²⁴.

Como vemos, estes pesquisadores vão mostrando como a subida ao topo da metafísica platônica, necessita dos “socorros” dados pelas “Doutrinas não-escritas” (*Ágrapha dógmata*). Estas informam sobre a essência do Bem como Uno e mostram como a Teoria das Ideias no nível inteligível conservam ainda o caráter de multiplicidade, necessitando de uma ulterior unificação sob o Uno absoluto.

Ora, se a função metafísica fundadora do Bem (*Agathón*) é unir, a Inteligência como instrumento unificador do múltiplo em todos os níveis da realidade, manifesta o Bem em três valências ontológicas, a saber: é fundamento do ser, porque: “O Uno, agindo sobre o múltiplo ilimitado, o de-termina, o de-limita, o ordena e, portanto, o unifica, produzindo, desse modo, os entes (o ser) em vários níveis.”²⁵

É fundamento da verdade, porque “o que é de-limitado, de-terminado e ordenado é estruturalmente cognoscível. Portanto, unidade, limite e ordem são fundamento da cognoscibilidade [...]”²⁶ E é fundamento do valor porque “produz ordem e estabilidade e, portanto valor. De fato, o que é ordenado, harmonioso e estável é também bom e belo[...]”²⁷

Esta manifestação do Bem através da unidade realizada pela Inteligência mostra o caráter estrutural

²⁴ REALE, *Para uma nova interpretação de Platão*, p. 201.

²⁵ *Ibidem*, p. 181.

²⁶ *Ibidem*, p. 181.

²⁷ *Ibidem*, p. 181.

que ocupa o Princípio último. Ele está acima do Ser (*Ousia*) ou substância, por que o Ser é uma mistura dos dois Princípios Uno e Díade. O Bem definido como Uno, sendo a condição do Ser, não é Ser e diferencia-se metafisicamente do modo estrutural do condicionado.

Uma vez esclarecido a valência metafísica do Bem como Uno desponta-se a seguinte questão: como se dá a passagem da Ideia ao Princípio último para que se tenha a clareza necessária da relação entre o Bem e o Uno? Quem responde esta questão na Escola platônica de Tübingen é Krämer, como veremos a seguir.

3. A RELAÇÃO ENTRE O BEM E O UNO

Segundo Krämer,²⁸ para se chegar à definição do Bem é preciso demonstrar a passagem do Mundo das Ideias ao princípio último do Bem. Para isso é necessário descobrir como se dá a elevação dialética na pirâmide do gênero, e, também, explicar a aporia subjacente à definição do Bem.

Ele inicia sua explicação refletindo sobre a passagem da Ideia ao Princípio presente no texto da *República* 511 b 8. Nela, Platão mostra claramente o caráter dependente da Ideia ao Princípio do Bem. Platão afirma: “Compreende agora que entendo por segunda divisão do mundo inteligível a que a própria razão atinge pelo poder da dialética, formulando hipóteses que ela não considera princípios, mas

²⁸ KRÄMER, *Dialética e definizione del Bene in Platone-interpretazione e comentario Storico-filosofico di “Repubblica VII, 534 B3 - D2*, Milano: Vita e Pensiero, 1989.

realmente hipóteses, isto é, pontos de partida e trampolins para elevar-se até o princípio universal que já não pressupõe condição alguma; uma vez apreendido este princípio, ele se apega a todas as conseqüências que dele dependem e desce assim até a conclusão, sem recorrer a nenhum dado sensível, mas tão-somente às idéias, pelas quais procede e às quais chega.”

Um primeiro ponto que se infere na reflexão de Krämer é a dependência das Ideias ao Princípio universal, para a definição da Ideia do Bem. Ele sugere que esta citação refere-se de fato, ao supremo e universalíssimo gênero, que são as Meta-ideias do Quietos e do Movimento, da Semelhança e da Dessemelhança, da Igualdade e da Desigualdade.

Se esta hipótese é verdadeira, então a definição do Bem, presente em *República* 534 b implica em uma elevação abstrativa do gênero supremo ao Princípio anipotético, isto é, ao Bem. Platão afirma: “quem não é capaz de definir a Idéia do Bem com o raciocínio, abstraindo-a de todas as outras, e passando como num combate por todas as objeções, desejando fundá-la não segundo a opinião, mas segundo a essência, atravessando tudo isso com raciocínio inatacável, não dirás que este não conhece nem o Bem-em-si nem alguma coisa boa.”

Para fundamentar a sua hipótese, Krämer diz que Aristóteles no livro M da *Metafísica* fala justamente sobre a relação entre as Ideias e o Princípio, através do gênero. Ele diz: “Procuram explicar isto dizendo que os números até 10 formam uma série completa, ou pelo menos, é dentro da década que geram todos

os derivados: o vazio, a proporção, o ímpar, etc. Atribuem à ação dos Princípios certas coisas como o bem e o mal, o movimento e o repouso, enquanto outras resultam dos números.”

E continuando a argumentação Krämer²⁹ afirma ainda que nos livros I e K da *Metafísica*, Aristóteles relaciona estes gêneros aos Princípios do Uno e da Díade, quando coloca abaixo do Uno os gêneros: Quietos, Identidade, Igualdade e Semelhança, e abaixo da Díade, os correspondentes contrários, o que nos leva a crer que a elevação dialética da *República* através da “entidade dependente” ao Princípio anipotético se realiza através do ensinamento oral.

Entre os gêneros supremos citados, Krämer ainda chama a atenção sobre o gênero da Identidade, dizendo que Aristóteles no livro a identifica como um modo de ser da Unidade³⁰, assim o gênero supremo da Unidade sendo superior aos outros gêneros é comum ao gênero último, sem, contudo coincidir com ele, porque ele é o puro fundamento, presente na abstração dialético-sinótica que é justamente o que a *República* 534 b solicita para o Bem.³¹

A conclusão a que chega Krämer após esta elevação genérica é a constatação de que somente por meio da oralidade dialética é possível obter o que Platão quis ocultar nos Diálogos, quando não se refere diretamente ao Bem-em-si, mas somente de forma metafórica, porque os discípulos mais próximos sabiam

²⁹ Ibidem, p. 43.

³⁰ Ibidem, pp. 43-44.

³¹ Ibidem, p. 44.

muito bem, como afirma Aristóteles, que a essência do Bem é o Uno.

No entanto, para que a teoria torne-se mais clara é importante refletir como o princípio Uno era entendido no interior da Academia. Sobre isso Krämer diz que Aristóteles, no livro M da *Metafísica*, mostra como ele tinha dois significados: Forma ou Substância, Elemento ou Matéria³², por causa do duplo movimento do método dialético platônico que era generalizante e elementarizante. Então Krämer chama a atenção para o termo “separação” utilizado por Platão na *República* quando quer mostrar que a Ideia do Bem está acima das Ideias.

Segundo ele a palavra “separação” é um termo técnico da dialética platônica que conduz à exposição do Princípio³³, de duas formas: generalizante e elementarizante, como confirma Aristóteles na *Metafísica* dizendo que, semelhante ao matemático que alcança o seu objetivo abstraindo das coisas físicas, o filósofo através da indução ascende da sensibilidade à propriedade universal do ser, e chega ao fundamento último.

Ambos exercem um processo abstrativo que em medidas crescentes ascendem até aos Princípios em grau sempre maior para a realidade mais simples, mais exata. E daí, descem numa medida adicionária aos números mais baixos. O que confirma o duplo *status* dos Princípios que são *elementa prima e genera generalíssima*.

Desta forma é possível compreender o *status* metafísico do Princípio último e como ele está acima

³² Ibidem, p. 47.

³³ Ibidem, p. 48.

de toda a estrutura hierárquica da realidade conferindo-lhe sentido. Krämer expõe, conseqüentemente, a definição do Bem conforme à Tradição Indireta presente nas Doutrinas-não-escritas que afirma ser a essência do Bem o Uno, como vimos anteriormente.

Em seguida Krämer discorre sobre a aporia que se apresenta no interior do método dialético, ou seja, se o Princípio é o último, ou o primeiro, ele não se deixa mais definir a partir de um gênero ulterior, uma vez que é o mais universal e o mais simples. Desta forma, o Uno pode ser compreendido como um inteiro indivisível que não se deixa mais delimitar. No entanto, na *República*, Platão supõe a definibilidade do Bem.

O problema da indefinibilidade e impredicabilidade da realidade última se fazia presente no interior da Academia. E como não é possível saber de imediato a definição desta realidade última, Krämer propõe que caminhemos a partir daquilo que ela não é, ou seja, não devemos definir o Bem a partir do alto, mas a partir de baixo, da derivação. Esta era a característica da metafísica acadêmica do elemento, como testemunha Aristóteles³⁴ dizendo que o Uno é medida, unidade fundamental que determina uma multiplicidade, e isto vale em primeiro lugar, para o âmbito da sensibilidade, na vida cotidiana, através do número, que constitui a medida mais perfeita.

Ora, a Medida Primeira é o elemento fundamental, o mais simples em um âmbito de ser, de forma que não pode ser dividido. Porém, não se entende o Uno em todos os sentidos como indivisível porque se assim fora, não haveria realidade empírica.

³⁴ Ibidem, p. 58.

Portanto, o Uno só é indivisível na medida matemática fundamental, ou primeira medida, que é chamada medida exata porque não necessita de uma ulterior redução, isto é, a definição do Princípio como medida exata implica a determinação da absoluta indivisibilidade.³⁵ Krämer afirma, porém, que isto só demonstra de que coisa o Uno é princípio e elemento, uma vez que relaciona o Princípio com o mundo sensível.

Semelhantemente, a metafísica acadêmica também definia o Uno como Princípio de tudo, a partir do modelo matemático, pois neste sentido, ele é a primeira medida do Número Ideal e da Ideia-Número, o que equivale dizer que ele é a “Medida Exatíssima”, a meta-ideia, que está acima do número matemático e do qual são derivados todos os números.³⁶ Após esta discussão é válido afirmar que ao Uno como Princípio vale a definição de “Medida Exatíssima” do número ideal, do qual derivamos todo o restante da multiplicidade.

Enfim, é possível estabelecer o nexos estrutural entre o Bem e o Uno porque está comprovado que a Ideia de Bem presente no texto da *República* encontra o seu decisivo e concreto sustento na doutrina oral³⁷, ou seja, na doutrina do Uno. Krämer demonstrou efetivamente que a definição do Bem e do Uno é, segundo Platão³⁸, a “Medida Exatíssima”. O Bem-Uno é Princípio e medida de todas as coisas. Esta era a verdade oculta por Platão na *República*, mas revelada pelas “Doutrinas não-escritas” (*Ágrapha dógmata*).

³⁵ Ibidem, p. 60.

³⁶ Ibidem, p. 60.

³⁷ Ibidem, p. 61.

³⁸ Ibidem, p. 62.

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre o Bem em Platão a partir da teoria socrática do princípio presente na *República* e da teoria platônica dos princípios nas *Ágrapha dógmata* conduz às seguintes considerações.

A teoria socrática do princípio na *República* mostra como Platão ascendeu metafisicamente até à Ideia do Bem (*tó Agathón*) estabelecendo-a como o conhecimento mais alto, verdadeiro e totalizante, fundamento último da hierarquia do real. Já a teoria platônica dos princípios da tradição indireta mostra como Platão trabalhou oralmente a dialética através da relação entre a metafísica e a matemática pela teoria das Ideias-Números.

As duas teorias se complementam entre si possibilitando a percepção da centralidade da Ideia do Bem (*tó Agathón*) na metafísica platônica. Então, a afirmação dos filósofos turingueses relativa à necessidade de um novo paradigma interpretativo platônico, em que a tradição indireta complementa a tradição escrita parece consistente, observa-se que as diferenças existentes entre as duas teorias são apenas de caráter pedagógico. Platão sabiamente vai ensinando aos discípulos suas doutrinas na “justa medida”, a fim de eles aprendessem a ser um *philosophos*.

Thomas Szlezák³⁹ enriquece a reflexão, quando discorre sobre a ação educativa platônica nas diferenças das duas teorias quanto ao *arché*, à teoria dos dois

³⁹ SZLEZÁK, *La Idea Del Bien como arché en la República de Platón*, pp. 95-96.

princípios, à teoria das Ideias-Números e à teoria dos Doutrinas não-escritas.

Quanto à visão do Bem como *arché*, constata-se que a única diferença é que o Platão-escritor renunciou conscientemente à transmissão por escrito da essência do Bem, deixando ao Platão-professor a exposição clara de que sua essência era a unidade última, ou seja, o Uno.

Quanto à teoria dos dois princípios: não há um “monismo contra dualismo” quando a teoria socrática fala apenas do Bem e a teoria indireta dos dois princípios Bem-Uno e da Díade Indeterminada, pois no livro II da *República*, Sócrates fala que o Bem não é a causa de todas as coisas, logo ele não é a causa do mal.

Quanto à teoria das Ideias-Números: a teoria socrática não fala das Ideias-números presente na tradição indireta, contudo, Platão na *República* 511 b 8 faz menção às coisas que dependem do Bem que poderia ser entre outras as Ideias-números.

Quanto às Doutrinas não-escritas: na *República* Platão afirma a necessidade do filósofo de conhecer o Bem e, ao mesmo, tempo limita o processo dialético somente à finalidade da justiça, logo, “não é a intenção da figura principal da *República* expor exaustivamente suas próprias opiniões sobre os princípios.”⁴⁰ Sócrates não necessita das Doutrinas não-escritas (*Ágrapha dógmata*) para falar sobre o Estado ideal. No entanto, ele não deixa de mencionar a necessidade do filósofo em percorrer o caminho mais longo da dialética para chegar ao topo da metafísica ou para contemplar o Bem-Uno. Apesar das dificuldades em se estabelecer a

⁴⁰ Ibidem, p. 96.

estrutura hierárquica da protologia e o movimento dialético que a percorre através da doutrina das Ideias-números é inegável que os filósofos tubingueses deram uma grande contribuição ao pensamento ocidental favorecendo uma visão mais completa sobre a teoria do Bem em Platão.

O filósofo brasileiro, Henrique Cláudio de Lima Vaz afirma que “permanece fora de dúvida que a utilização dos testemunhos transmitidos até nós acerca do ensinamento oral de Platão, leva-nos a reconhecer no fundador da Academia o maior dos metafísicos da tradição ocidental.”⁴¹ Logo, a pesquisa da Escola platônica de Tübingen-Milão sobre a teoria dos princípios complementa a Metafísica sistemática platônica que é a primeira experiência de transcendência da nossa história. Platão ao desenvolver o método dialético como ascensão da mente para “as coisas do alto” erigiu o primeiro modelo de um conhecimento que tende para o absoluto e lançou as sementes de uma espiritualidade que transgride o empírico e abre horizontes cada vez mais profundos para explicitação do humano.

Este horizonte transcendental metafísico e ético se constitui em um paradigma universal que tem como *télos*, a Ideia do Bem (*tó Agathón*) como a realização plena dos homens em todos os níveis de sua existência. Assim, Platão desenvolve uma proposta para o bem-viver. O homem virtuoso tende a buscar a “justa medida” do que tende ao excesso ou à falta, seja na vida individual, seja na vida social. Essa “justa-medida”

⁴¹ VAZ, Henrique de Cláudio Lima, *A nova imagem de Platão*, p. 402.

é uma expressão da correlação estrutural que Platão faz entre a Razão e a Liberdade, uma vez que a práxis deve buscar o melhor.

Enfim, considera-se que talvez esta intuição platônica do Bem como fundamento do pensar e do agir humanos, na aurora da nossa tradição ocidental, não esteja totalmente ultrapassada, mas ela continua pulsando no coração da nossa cultura como um convite a repensar a nossa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

PLATÃO. *República*. Introdução e notas de Robert Baccou. Tradução de J. Guinsburg). 2 v. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

PLOTINO. *Enéadas V*. Introdução, tradução e comentário de José Carlos Baracat Júnior. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

KRÄMER, Hans. *Dialética e definizione Del Bene in Platone* – interpretazione e commentario Storico-filosófico di “Republica” VII, 534 b 3-d 2. Introduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1989.

REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*. Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas-não-escritas”. Tradutor Marcelo Perine, São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *História da Filosofia Antiga I*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz/Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

SZLEZÁK, Thomas Alexander. *La Idea Del Bien como arché en la República*. Los Símbolos de la República VI-VII de Platón. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 2003.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Transcendência: experiência histórica e interpretação filosófico-teológica. *Tempo Brasileiro*, São Paulo, v. 112, 1962.

_____. A nova imagem de Platão. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, CES: Loyola, v. 23, n. 74, p. 399-404, 1996.